



# O que deixamos; o que somos



**D**ia desses, vi em um perfil de desapegos do Instagram o anúncio de um grande lote de peças a serem retiradas em um apartamento da Asa Sul. Toalhinhas rendadas, paninhos de crochê, caminhos de mesa com bordados floridos, tudo muito bem passado e, provavelmente, engomado; diversos jogos de talheres, conjuntos de xícaras de porcelana estampadas e toda sorte de delicadeza que, acredito, transformou em lar a casa da proprietária daquele pequeno tesouro.

Penso que ela não está mais aqui. Embora impecáveis, as peças pareciam tê-la acompanhado por décadas de vida. Não é coisa de que se desfazeria por motivos de viagem. Tudo na casa parecia à venda: quadros, porta-retratos, fruteiras, até um coador de café de pano, que certamente acompanhou deliciosas conversas na cozinha, ao lado de biscoitinhos de nata.

Como entregam quem somos, as coisas que deixamos em nosso inventário doméstico! Quando meu pai morreu, coube a mim

e às minhas irmãs esvaziar seu apartamento. A cada gaveta aberta, parecia vê-lo na minha frente, com suas camisetas regatas, as pochetes (que chamava de “capanga”), os chinelos de couro gastos, as organizadíssimas caixinhas onde guardava componentes eletrônicos (um antigo hobby), a coleção de relógios que acompanhavam fascículos semanais; as revistas sobre computação antiquíssimas, na ordem de publicação. Numerosos livros e discos nas estantes. No quadro de cortiça da cozinha, recortes de jornal, que julgava úteis, e boletos de IPVA.

Também fomos surpreendidas por um caderno de poemas escrito por ele: quem diria, um senhor um tanto sisudo, jamais o imaginei autor de versos. (Não foram lidos, porém. Respeitando o fato de que meu pai nunca havia nos mostrado aquele pertence, minha irmã o descartou, sem fuxicá-lo).

Na morte da minha mãe, antecipei-me e desfiz, sozinha, seu universo particular. Na mesa de cabeceira, livros de arte vividamente manchados de tinta; caderno

de notas todo rabiscado com desenhos, números de telefones misturados com senhas, CPF, endereços há muito desocupados, uma foto minha ainda menina, cortada em formato de coração, dentro do *Livro das Horas*. O cheiro da minha mãe — uma mistura de perfume, sabonete e creme hidratante — impregnando vestidos floridos, lenços de seda e camisolas de pano surradas, as suas preferidas.

Quando chegar a hora de fazerem o meu inventário doméstico — ela chega para todos —, imagino que haverá muitos livros, blocos de aquarela, linhas de bordado (algumas bem emboladas), louças de porcelana antigas, roupas com muitos pelos de cachorros e, talvez, de gatos (em algum bolso perdido, haverá petiscos cortados ao meio), caderninhos (dezenas deles) preenchidos e outros aguardando por novas histórias. Diversos objetos estarão duplicados e perdidos na minha harmoniosa desorganização.

E você? Como será contada a sua história?